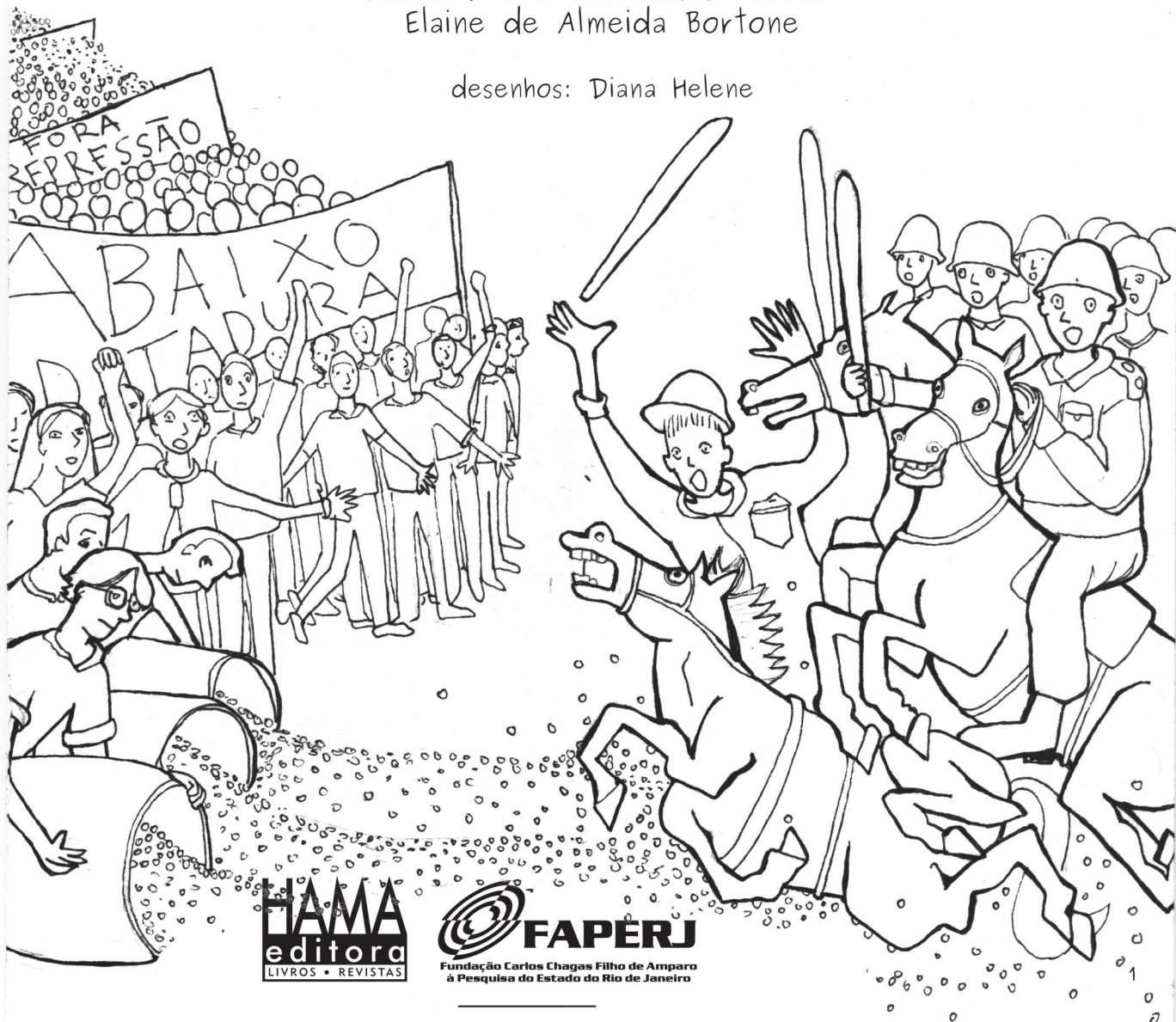


Brasil: ditadura-militar

Um livro para os que nasceram bem depois...

Joana D'Arc Fernandes Ferraz
Elaine de Almeida Bortone

desenhos: Diana Helene



LAMA
editora
LIVROS • REVISTAS

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



Ferraz, Joana D'Arc Fernandes.

F368b Brasil: ditadura militar/ Joana D'Arc Fernandes Ferraz ; Elaine de Almeida Bortone ; ilustrações [de] Diana Helene. 1 ed. – [Rio de Janeiro]: Hama, 2012.
24 p.: Il. ; 21,5 cm

ISBN 978 85 86962 25 7

1. Brasil: ditadura militar. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Brasil – História e crítica. 4. Ditadura – Brasil. I. Bortone, Elaine de Almeida. II. Helene, Diana [ilustrador].

CDD 927.415

Esta publicação foi realizada com o apoio do Faperj, por meio do Edital Auxílio à Editoração, 2011/2 (APQ3).

Roteiro, pesquisa e texto:
Joana D'Arc Fernandes Ferraz
Elaine de Almeida Bortone

Desenho, storyboard e diagramação:
Diana Helene – Árvore Amarela
<http://arvoreamarela.carbonmade.com/>



impresso em novembro de 2012
tiragem: 1.000 exemplares
tipologias: Purisa e Liberation Sans
totalmente elaborado em software livre



Dedicatória:

Este livro nasceu do desejo de uma geração que viveu a ditadura militar brasileira, e que passou muitos anos sem poder falar livremente sobre este período do Brasil. Este livro nasceu do desejo de outra geração que viu o que a geração anterior viveu e guarda uma memória de luta e que, também, por muito tempo, não pode falar sobre este assunto. Este livro nasceu do desejo de outra geração que, como a anterior, não estudou este assunto na escola e cresceu ouvindo que "futebol, política e religião não se discute". Este livro, enfim, nasceu do desejo de gerações diferentes que querem mostrar aos "que nasceram bem depois..." que nunca é tarde para uma outra leitura da nossa História.



Prefácio: Memórias esquecidas, proibidas...

Meu pai contou para mim,
Eu vou contar para meu filho.
E quando ele morrer?
Ele já contou para o filho dele.
E assim, ninguém esquece.
(Kalé Maxacali, índio da aldeia de Mikael - MÃ)

Ao longo da história, grupos "vencedores" vem produzindo um certo modo de narrar os acontecimentos passados. Estas narrações ao se tornarem oficiais forjam uma história onde as violências cometidas pelos poderosos e os movimentos de resistência são ignorados, esquecidos, negados, proibidos...

O que este livro - de modo original e singular - vem afirmar é que a esta "história oficial" há que se agregar muitas outras histórias e memórias que necessitam ser lembradas em seus acontecimentos sempre múltiplos. Histórias e memórias de um tempo cujos efeitos ainda estão entre nós, de um tempo que precisa ser conhecido por todos.

Pela Vida, Pela Paz, Tortura Nunca Mais!

Cecília Coimbra (psicóloga, professora da UFF, fundadora e atual vice-presidente do GTNM-RJ)

Poderia não ser assim...



Mãe, cadê meu pai? Faz uma semana que ele não aparece em casa!!

Meu amor... não tenho boas notícias... e... você está vendo que está tudo meio estranho, não é?

Sim!!!! Mas não estou entendendo nada!!!!

As coisas estão muito complicadas e... todos estão muito pressionados com o que está acontecendo no Brasil...

TÁ, MAS E O MEU PAI???

Ai filha... eu acho que os militares prenderam seu pai!

MAS POR QUE????



Senta um pouco, que vou te contar...
Eu, seu pai e muitas outras pessoas
desejávamos que o Brasil fosse um país

diferente: sem pobreza,
sem miséria, com terra
para todos plantarem,
escola para todos
estudarem, casas para
todos morarem... Um
país sem desigualdades!



Mas, contra essas ideias, os militares se
uniram com os ricos e poderosos do Brasil e
do exterior, armaram um golpe* e tomaram o
poder. Isso já tem 5 anos... e a cada dia as
coisas ficam piores. Estão prendendo, torturando,
sumindo e matando as pessoas que lutam por
mudanças, e que são contra o golpe...



Sim meu
amor...

Então é por isso
que meu pai
desapareceu?

Mas, cadê ele
agora?

Eu não
sei...

* Golpe militar de 1 de abril de 1964, foi resultado de uma coalizão civil-militar, articulada entre militares brasileiros, governo norte americano e as elites econômicas dos dois países. Foi baseado na Doutrina de Segurança Nacional. Este golpe deu início a ditadura militar no Brasil, que governou nosso país por mais de 20 anos.



Então, a vida delas mudou muito, e para se proteger tiveram

Mudaram de nome ...

Pessoal essa é a nova aluna,
a Maria Clara!

Ninguém pode saber
que, na verdade, eu
me chamo Clarice...

Mãe, não é
aquele seu
amigo?

Pssiu!

Fica
quieta!

TERRORISTAS PROCU

PARA SUA SEGURANÇA
COOPERE, IDE

BAN DOS TERRI

QUALQUER DELES AVISE A

... ficaram sem contato com
seus familiares ...

Olá Esther, foi
muito difícil
chegar aqui, tive
medo de me
seguiem!

Entrega essa carta para
os meus pais e fala que
estamos bem...

Tia Sônia, dá pra
vovó esse desenho
também!

Oi Clarice!! Eu
tava com muitas
saudades de
você!

que entrar na clandestinidade:



... e viviam com medo

Filha, não podemos mais ficar juntas, você está correndo perigo... por isso, você vai morar com sua tia Sonia.

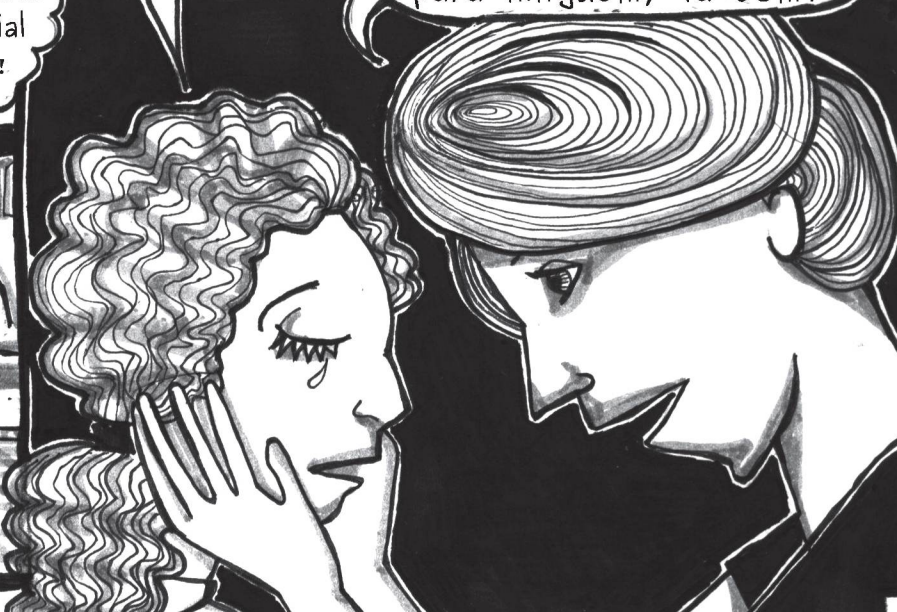
Será que alguém tá me seguindo?

Que carro estranho!

E aquele policial ali?!

E você???!

Eu vou sair do país... promete não falar nada para ninguém, tá bom?



Dez anos depois, com a Lei de Anistia Política* em 1979, a mãe de Clarice e muitos outros exilados voltaram para o Brasil:



*Lei de Anistia

Encaminhada ao Congresso Nacional em 1979, pelo então presidente militar João Baptista de Figueiredo. Foi aprovada pelos deputados da ARENA, sob protestos do MDB. Os dois únicos partidos existentes até 1979, quando foi aprovada a Lei do Pluripartidarismo. A Lei da Anistia perdoou os "crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política". No entanto, ela permitiu interpretações equivocadas e serviu como justificativa para anistiar, também, os responsáveis pela prática de tortura. Com isso, abriu a possibilidade de esquecimento dos crimes de lesa-humanidade cometidos pelo Estado ditatorial brasileiro, tais como, tortura, sequestro e execuções. Deixando de fora os presos e condenados por crimes, então considerados pelo regime militar como crimes de sangue.

Assim, Clarice e sua mãe continuaram participando ativamente das lutas contra a ditadura. No comício das Diretas Já*, em 1984, Clarice estava com sua amiga Rosa:



Mas e ai Clarice, Você nunca mais viu seu pai?

Nunca mais...

Como aconteceu tudo?

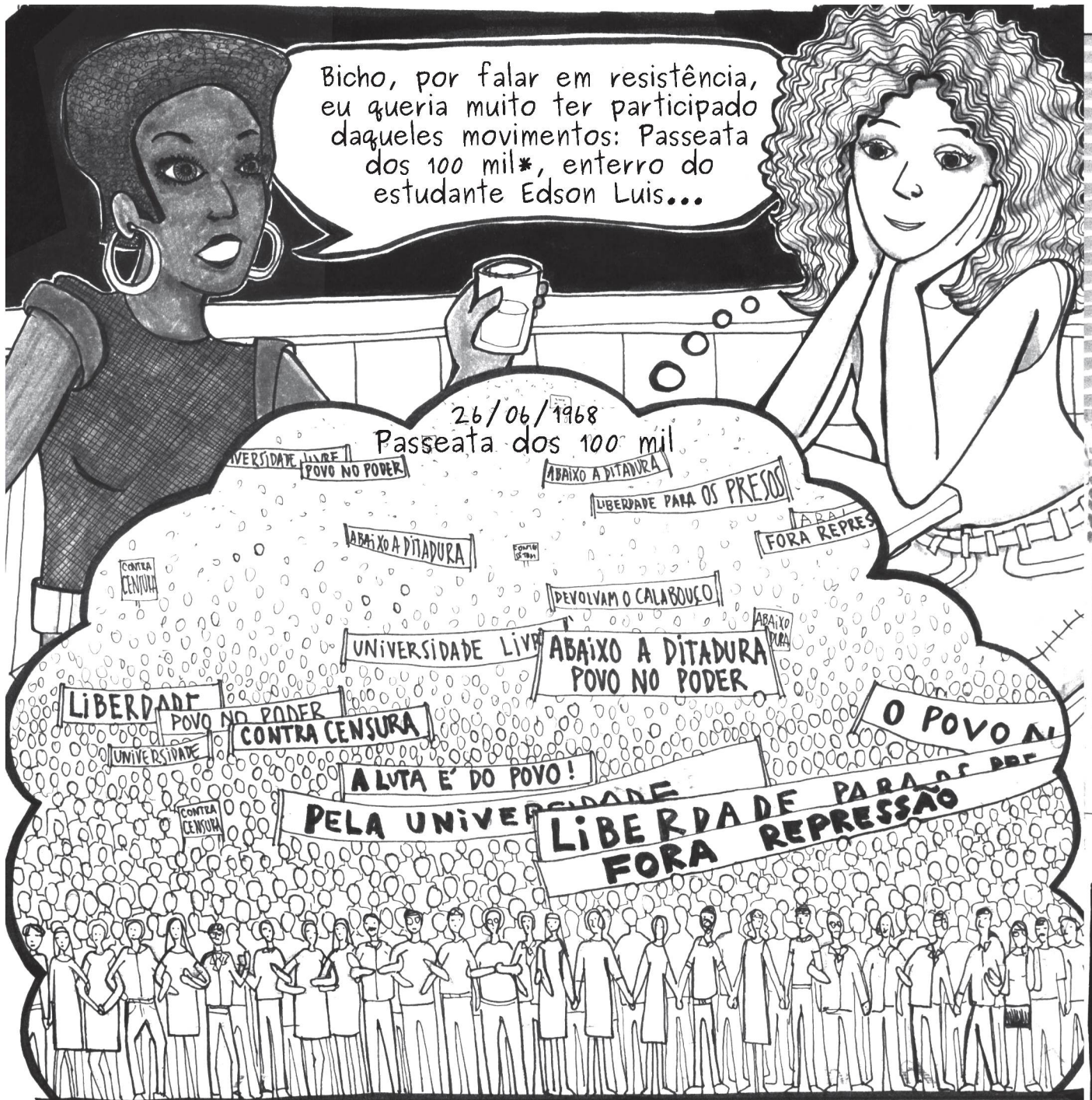
Naquela época, meus pais eram professores e participavam ativamente da política. No início dos anos 1960, no Brasil e no mundo, as lutas contra as desigualdades do sistema capitalista e o avanço dos movimentos revolucionários enchiam o povo de esperança e força ...



E aí, vários movimentos de resistência se espalharam pelo país...



Então, veio o GOLPE e abortou momentaneamente essas esperanças... e uma onda de REPRESSÃO, mas também de RESISTÊNCIA, tomou conta do Brasil!



Bicho, por falar em resistência, eu queria muito ter participado daqueles movimentos: Passeata dos 100 mil*, enterro do estudante Edson Luis...

26/06/1968

Passeata dos 100 mil

UNIVERSIDADE LIVRE POVO NO PODER

ABAIXO A DITADURA

LIBERDADE PARA OS PRESOS

ABAIXO A DITADURA

ABAIXO A REPRESSÃO

CONTRA CENSURA

DEVOLVAM O CALABOUÇO

UNIVERSIDADE LIVRE

ABAIXO A DITADURA POVO NO PODER

LIBERDADE POVO NO PODER

CONTRA CENSURA

O POVO NA

UNIVERSIDADE

ALTA E' DO POVO!

CONTRA CENSURA

PELA UNIVERSIDADE LIVRE

LIBERDADE PARA O POVO FORA REPRESSÃO

*A Passeata dos 100 mil foi uma manifestação popular organizada por estudantes, artistas, intelectuais, religiosos e outros setores da sociedade carioca. Tinha como objetivo contestar as arbitrariedades, torturas, desaparecimentos e prisões cometidos pela ditadura.



A repressão policial aumentou no final de março de 1968, com a invasão do restaurante universitário "Calabouço", onde os estudantes se manifestaram contra a elevação do preço das refeições. Durante a invasão, em 28/03/1968, um militar matou o secundarista Edson Luis de Lima Souto, de 17 anos, com um tiro à queima roupa no peito. O fato, que comoveu todo o país, serviu para piorar a situação. Durante o velório do estudante, os confrontos com policiais ocorreram em várias partes do Rio de Janeiro. Nos dias seguintes, manifestações sucederam-se no Centro da cidade. Todas reprimidas com violência, até terminar na missa da Candelária (4 de abril), quando soldados a cavalo investiram contra estudantes, padres, repórteres e populares. A população resistiu muito, foram jogados baldes de bolinhas de gude no asfalto, nas calçadas e os cavalos começaram a cair. Em seguida, veio o AI-5.



No final de 1968, o aparato repressivo intensificou-se, principalmente, com a instauração do Ato Institucional Nº 5 ou AI-5 (13/12/68), que foi o quinto de 17 emitidos pelo regime militar. O AI-5 foi o instrumento que deu ao regime poderes absolutos, cuja primeira consequência foi o fechamento do Congresso Nacional por quase um ano, além de demitir, remover e aposentar quaisquer funcionários públicos; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer pessoa considerada suspeita, decretar Estado de Sítio e o julgamento de crimes políticos por Tribunais Militares. As Forças Armadas bloquearam ruas, casas eram invadidas e era comum irmãos, pais, mães e filhos de suspeitos também serem presos, torturados e mortos. Calcula-se que, somente nos primeiros meses do golpe, cerca de 50 mil pessoas foram presas.

Depois do AI-5 a coisa ficou feia! Para controlar mais ainda, aumentaram a censura aos meios de comunicação, como jornais, TV e rádio. Milhares de filmes, peças teatrais, músicas e livros foram censurados.





Além disso, foi intensificado o uso da força e da violência: aconteceram milhares de prisões...

Estas práticas de violência também foram fortalecidas pelas relações entre os militares brasileiros e os norte-americanos, após a II Guerra Mundial (1937-1945). Em 1949, os oficiais formaram a Escola Superior de Guerra (ESG), que foi estruturada de acordo com a escola militar norte-americana "National War-College". A ESG formulou a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), que tornou-se a Lei nº 314/1968, com o objetivo de identificar e eliminar os "inimigos internos", isto é, aqueles que criticavam o regime militar. Sob a desculpa da necessidade de "segurança interna", justifica-se o controle e a repressão. Assim, os direitos humanos e a Constituição perderam totalmente o valor.




Em 1969, o Exército brasileiro montou a Operação Bandeirantes (OBAN), financiada por empresários. A OBAN serviu de modelo para a criação de uma rede conjunta de repressão entre governo federal e os estados da federação, através do Departamento de Operações Internas e do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), que se integrava aos Serviços de Informação e Repressão das Forças Armadas: o CIEX (Centro de Informação do Exército), CENIMAR (Centro de Informação da Marinha), o CISA (Centro de Informação da Aeronáutica), e aos serviços de informação das Polícias Cíveis e Militares, Polícia Federal e Corpo de Bombeiros, que vigiavam, perseguiram, torturavam, matavam e desapareciam com todos os considerados "inimigos internos".





... e desaparecimentos

Outro exemplo de unificação do aparato repressivo foi a Operação Condor (1975), feita entre os governos militares e ditatoriais da América Latina com o apoio do governo norte-americano. Além dos EUA, participaram Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile e Bolívia. Sua função era coordenar a repressão e eliminar os opositores a essas ditaduras.



Em meio a tudo isso, com a intenção de manipular a opinião pública, os militares disseminaram o discurso de que vivíamos o "milagre econômico", com a construção de obras faraônicas: Ponte Presidente Costa e Silva (Rio-Niterói), Transamazônica, Usina Hidrelétrica de Itaipu, etc... tudo isso com o capital emprestado dos EUA. Depois, venderam a imagem do Brasil como "grande potência", com a ajuda da vitória da Seleção brasileira na Copa de 70.

Nesse clima de terror a gente se sentia
vigiado o tempo todo... Era difícil
imaginar que atitude alguém podia tomar
nessa situação:

MANIFESTAÇÃO DE ANONIMATO: SENTIMENTO DE ANONIMATO. ISOLAR-SE DE SI E DOS AMIGOS, A FIM DE PERMANECER NA LUTA...

Clarice sai daí
e para de olhar na
janela!!
Já te disse que isso
é perigoso!!



EXÍLIO: FUGA OU SAÍDA FORÇADA PARA OUTRO PAÍS, ACOMPANHADA DA AUSÊNCIA DOS AMIGOS, DOS PARENTES E DA SUA CULTURA...



SUICÍDIO: A SAÍDA RADICAL DE SI E DOS PESADELOS CONSTANTES...



LUTA ARMADA: JULGANDO NÃO HAVER



BANCO DO BRASIL

VIVA A REVOLUÇÃO



Atenção!! Fiquem todos em silêncio e não se mexam! Essa é uma ação revolucionária, não estamos roubando, estamos expropriando!!

Luta Armada

A violência do Estado após AI-5 convenceu muitos militantes de que a ditadura assim fortalecida só poderia ser derrubada pela força das armas. Em 1969, começaram as práticas de guerrilha urbana e rural. Na urbana destacam-se Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Ação Libertadora Nacional (ALN), Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). No campo, foram muitos os movimentos, dentre eles Caparaó (1966), Ligas Camponesas (1950) e Araguaia (1972). A Guerrilha do Araguaia aconteceu na região sul do Pará e foi organizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1972. Seu objetivo era fazer uma revolução socialista, a partir do campo, para derrubar o governo militar. Era composta de militantes, camponeses e seu comandante, Maurício Grabois. Até hoje, 68 corpos de guerrilheiros e camponeses continuam desaparecidos. Após o AI-5, estes movimentos cresceram e para financiá-los os grupos expropriaram bancos. Os sequestros de embaixadores e de aviões também foram táticas usadas para libertar lideranças políticas presas. O governo militar reagiu violentamente multiplicando torturas, mortes e desaparecimentos. Muitos familiares até hoje procuram os restos mortais de seus parentes.

- 1975 - Criação do Movimento Feminino pela Anistia
- 1975 - Morte do jornalista Vladimir Herzog
- 1976 - Morte do Metalúrgico Manuel Fiel Filho
- 1977 - Repressão aos estudantes da UNE, na PUC-SP

De várias maneiras, o povo continuou resistindo. Na missa de 7º dia de Herzog, 8 mil pessoas lotaram a Igreja da Sé em São Paulo, e mais de 30 mil ficaram na Praça do lado de fora. E o governo do Ernesto Geisel afirmou na maior cara de pau que, tanto Herzog como Manoel Fiel Filho, tinham "se suicidado"...

Que piada!!!

Mas a resistência foi crescendo a cada dia... Com o Movimento Feminino pela Anistia começa a Campanha Nacional pela Anistia, com movimentos por todo Brasil.

Além disso, a Ordem dos Advogados do Brasil começa a defender juridicamente os presos políticos e promove campanhas educativas de esclarecimento sobre os direitos políticos do povo.

Em plena ditadura o Supremo Tribunal de Justiça do Estado de SP, em sentença inédita, responsabiliza o governo federal pela morte de Vladimir Herzog. Em 1978, era evidente o fim do "Milagre Econômico". A inflação e a crise econômica dispararam, sendo faladas até mesmo nos meios de comunicação atrelados ao governo ditatorial militar. Neste mesmo ano, cresce em todo o país a luta contra a carestia e pelo congelamento dos preços dos alimentos básicos. Junto ao operariado os movimentos ganham cada vez mais força. As greves contra o congelamento dos salários se espalham por todo o país. As de 1978, 1979 e 1980 atingem quase todas as categorias funcionais do país e quase todos os estados da federação.

Em 1980, a greve dos metalúrgicos do ABC enfrenta todo tipo de pressão: morte, cassação e prisão. As pressões populares também se manifestam nas urnas como o avanço do MDB. Em 30 de abril de 1981, como represália ao avanço dos movimentos sociais, militares violentamente e irresponsavelmente tentaram colocar uma bomba no Riocentro, quando se realizava um show popular em comemoração ao dia 1º de maio, Dia do Trabalhador. Mas o feitiço virou contra o feiticeiro: a bomba explodiu no colo de um dos militares!



Com a Anistia eu voltei com minha família do exílio em Portugal. Você não imagina como a gente tinha saudades daqui!!!!



Minha mãe foi para o Chile, mas quando teve o golpe militar no governo Allende, ela também foi para Portugal. Fiquei muito feliz quando ela voltou, mas ela nunca desistiu de lutar e de encontrar o paradeiro do meu pai...

Em 1985, foi criado o grupo "Tortura Nunca Mais" (GTNM/RJ) no Rio de Janeiro, seguido de vários outros estados, fortalecendo a luta dos sobreviventes e dos familiares dos desaparecidos.

Clarice se prepara para mais uma manifestação. Estamos em 2012 e tivemos poucos avanços. A história e a memória oficial omitiram fatos, e a maioria dos arquivos da ditadura continua fechada...




As reivindicações dos familiares, sobreviventes e defensores dos Direitos Humanos resultaram no Projeto de Lei dos Desaparecidos

Políticos
(Lei
111/1991).


Eles
exigiam:

1. O esclarecimento detalhado (como, onde, porque e por quem) das mortes e dos desaparecimentos ocorridos;
2. O reconhecimento público e inequívoco pelo Estado de sua responsabilidade em relação aos crimes cometidos;
3. O direito das famílias enterrarem seus entes queridos, visto caber ao Estado, e não a eles, a responsabilidade pela localização e identificação dos corpos;
4. A inversão do ônus da prova: é dever do Estado, e não dos familiares, diligenciarem as investigações cabíveis, buscando provar não ser ele o responsável direto pelos assassinatos;
5. A abertura incondicional de todos os arquivos da repressão sob jurisdição da União;
6. O compromisso de não nomear e de demitir de cargos públicos todos os envolvidos nos crimes da ditadura;
7. A inclusão de todos os militantes assassinados por agentes do Estado no período entre 1964 e 1985;
8. A reparação jurídica, social e, por fim, econômica como direito e, principalmente, efeito de todo o processo de luta.



Clara, você sabia que, em 2010, a Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), determinou ao governo brasileiro a INVESTIGAÇÃO e a PUBLICIZAÇÃO de todos os crimes feitos pelo Estado durante a ditadura (incluindo a abertura de todos seus arquivos), o ESCLARECIMENTO das circunstâncias das mortes e dos desaparecimentos de todos os militantes e simpatizantes e a RESPONSABILIZAÇÃO do Estado brasileiro por todos esses crimes.

Eu ouvi falar disso! É a primeira ação sobre a ditadura que foi levada para um Tribunal Internacional, não é?



É isso mesmo. Agora, o governo, como resposta, está fazendo a Comissão Nacional da Verdade*, cuja proposta não consta na Sentença.

Mas Tia Clarice, será que ele conseguirá cumprir esta Sentença?

Não sei, vamos ver no que vai dar...

*A Comissão Nacional da Verdade foi criada pelo governo de Dilma Rousseff (2011 - atual), seu objetivo é esclarecer as lacunas que a história oficial intencionalmente não contou. É composta por 7 membros escolhidos pela presidente. Sua duração é de 2 anos; o período a ser analisado é de 1946 até 1988. Essa Comissão não possui o objetivo de julgar, mas, apenas de fazer um levantamento histórico. Os resultados desta investigação não serão prontamente informados para a sociedade. Ou seja, os resultados dela podem ficar sigilosos. Ela também não tem autonomia financeira...

Precisamos saber quem são os torturadores e os colaboradores. ONDE, QUANDO e COMO prenderam, torturaram, mataram e desapareceram com milhares de pessoas... Apesar de tantas dores nossa história de resistência é linda. Hoje, a luta continua. Tem muito movimento por aí... Na terra, nas favelas, nas fábricas, nas ruas, nas praças. É por isso que temos que continuar. Por que eles não conseguiram tirar de nós a esperança num futuro sem essas atrocidades!



*Manifestações surgidas em todo o Brasil, a partir de 2012, organizadas por jovens e movimentos sociais. Seu objetivo é expor publicamente para a sociedade os nomes dos envolvidos nos crimes de lesa-humanidade produzidos pela ditadura militar.